



Zero Hora, 31 de Dezembro de 2015

EM DIA

PREVISÕES DESAFIADORAS



PEDRO DUTRA FONSECA

Professor Titular do Departamento de Economia e
Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br

Ao finalizar um ano raibugento na área econômica, nada melhor do que encarar 2016 com bom humor. Há uma velha piada que questiona quem erra mais em suas previsões, os economistas ou os meteorologistas. Se a resposta depender de 2015, Cléo Kuhn pode comemorar na virada: os economistas perderam de goleada.

Ao iniciar o ano, a maioria das agências e dos analistas previa inflação entre 6% e 7% e o crescimento do PIB, por volta de 0,5%. Os mais pessimistas falavam em crescimento zero. Havia a perspectiva de recessão rápida – tal como diagnosticava o discurso de Joaquim Levy – de modo que 2016 seria o ano da recuperação. Todavia, a inflação fecha o ano quase no dobro da esperada, enquanto o PIB despenca, com previsão de queda por volta de 3,7%, se não chegar aos fatídicos -4%.

Ao longo dos meses, tais estimativas foram sendo refeitas, acompanhando o entrelaçamento entre as crises econômica e política, mas não esconde a magnitude dos enganos e a fragilidade dos modelos de previsão. Deve-se ressaltar que não se

trata apenas de previsões equivocadas do discurso oficial, que sempre procura transmitir mais otimismo à sociedade, mas também de agências e analistas muito bem pagos, cuja tarefa precípua é “vender informações” ao mercado para alicerçar tomadas de decisão de bancos, empresas e organizações.

As informações, portanto, trazem consequências mais sérias do que se ir para o litoral esperando sol e a chuva começar na Freeway, pois são capazes de fomentar clima de otimismo ou pessimismo, afetam aplicações em portfólios e investimentos e, portanto, arbitram perdas e ganhos, com impacto na produção e no emprego.

À luz dos mesmos modelos econométricos, a previsão para 2016 é de que o PIB continuará em queda, o que configuraria a maior recessão após a Grande Depressão da década de 1930, e a inflação pode até baixar, mas sem sequer atingir o limite superior da antiga meta: 6,5% (IPCA). Mas, como já sabemos que os mesmos são inconfiáveis, não custa acreditar que, mais uma vez, errarão. Por que não ser otimista? Que venha 2016!